



MUSEU

REMOTO

DA HUMANIDADE

andréa CATÓPA

MUSEU REMOTO DA HUMANIDADE (Inédito)

Andréa Catrópa

violência prevista
atacar o nervo
ótico mirar
os dois redondinhos
lindos da sua cara
fazer força para
entrar
tanta palavra
inútil, tanta
vista cansada
este encontro
fortuito a mais
não há de nos
fazer mal

não tem vergonha do seu olho,
que despedaça a velha ladainha?
guloso, é irmão bastardo do outro,
que mantém o foco e disfarça
quando a cultura
na natureza
definha

pour faire le portrait d'un poème idéal

era o alvorecer
o sol mais intenso
 paixão do descompasso
as penas as glórias os sabotadores
 da história
a pequenez de homens altos
a grandeza das mulheres baixas
o gozo o riso dos sem dentes

era minha infância tataravós e escola
teus sapatos debaixo da cama
a poeira acumulada
 e que sempre retorna
a mônada que nos cabe
 certamente tudo
 que não
este deserto

épica

capitão, como se ativam
nossos escudos defletores,
perdi as instruções
ou a aula, e agora estamos
sob ataque
inclemente das facções,
capitão, não respeitam
nem a sua farda,
menos ainda
sua galhardia,
riem cariados,
empunham
máquinas
e rebolam
sobre
escombros
deste museu
remoto da
humanidade